

## ENTREVISTA COM ALBANO MARTINS

Jorge Valentim\*

Numa tarde de domingo, no Iate Clube do Porto, acompanhado de duas orientandas, encontro o poeta Albano Martins e sua família, para uma tarde de diálogo e troca de idéias. Nesta entrevista, em Portugal, o escritor da geração da *Árvore* (1951) conversa sobre sua obra (poesia, ensaio, tradução e títulos criados e adaptados para os leitores mais jovens), sua trajetória e suas perspectivas<sup>1</sup>.

*JV* – Pode dizer-se que tu és um poeta pouco conhecido no Brasil. Apareces numa *Antologia da poesia portuguesa contemporânea*, organizada por Alberto da Costa e Silva e Alexei Bueno (Lacerda, 1999) e tens uma *Antologia Poética*, organizada por Carlos Alberto Vecchi (UNIMARCO, 2000). Neste sentido, inicio nossa conversa perguntando: quem é o Albano Martins poeta? Como tu te apresentas, sobretudo para leitores curiosos que gostariam de saber mais de ti?

*AM* – Uma observação prévia, se me permite: a *Antologia Poética* da Unimarco, a que se refere, foi organizada, não por Carlos Alberto Vecchi, que assina o prefácio, mas por Álvaro Cardoso Gomes, que é também o organizador e autor do prefácio de uma outra antologia, *Ofício e Morada*, publicada, em 2012, em Santa Catarina, pela editora Letras Contemporâneas. No que concerne à divulgação da minha poesia no Brasil, para lá da *Antologia da poesia portuguesa contemporânea* organizada por Alberto da Costa e Silva e Alexei Bueno e das duas outras atrás referidas, convém assinalar a dissertação de mestrado defendida, em 1995, na PUC do Rio de Janeiro, por Accacio José Pinto de Freitas; as quarenta páginas a ela dedicadas na tese de doutoramento defendida, na UFRJ, em 2006, pela Prof<sup>a</sup> Gumercinda Gonda; a tese de doutoramento defendida por Jorge Valentim – isto é, por si –, na mesma universidade, publicada em Portugal, na parte a mim consagrada, com o título de *A Quintessência Musical da Poesia...*; as páginas que pelo Prof. Massaud Moisés, em *A Literatura Portuguesa através dos Textos e A Literatura Portuguesa*, me são dedicadas; e o volume de ensaios *A Melodia do Silêncio*, da autoria de Álvaro Cardoso Gomes, publicado, em 2005, em Portugal, pelas Edições Quasi. Refira-se ainda o extenso ensaio da Prof<sup>a</sup> Nelly Novaes Coelho “Albano Martins: a poesia fundadora do real”, recolhido no volume *Escritores Portugueses do Século XX*, publicado, em 2007, pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, de Lisboa. Acrescente-se, finalmente, que aparecerá em breve, no Brasil, um outro volume de

---

\* Professor Associado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

<sup>1</sup> Entrevista concedida ao Prof. Dr. Jorge Valentim (UFSCar), em outubro de 2014, quando de sua ida a Portugal, com o apoio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

ensaios do Prof. Álvaro Cardoso Gomes, dedicado à incidência da éfrase na minha poesia. Tais manifestações, não revelando talvez um generalizado conhecimento ou uma decisiva aceitação, mostram todavia o interesse de certos meios cultos do Brasil – especialmente, neste caso, os meios universitários – pela minha poesia.

Atendendo agora à sua pergunta: poeta, não pela graça de Deus, em cujos influxos e favores não acredito (releve-se-me a desmesura), mas talvez dos deuses – os do mundo grego e romano, em cuja influência também verdadeiramente não acredito, mas dos quais (de alguns deles) às vezes me socorro como ornamento (isto é, para, como diria Camões, “fazer versos deleitosos”), achei-me, aos 14/15 anos, a escrever uns arremedos poéticos ao estilo de João de Deus, Catulo da Paixão Cearense e outros nomes da mesma família poética, que por essa altura (década de 40 do século passado) preenchiam as páginas das selectas escolares. Aos 17/18 anos, depois de ler o *Só* de António Nobre, os *Sonetos* de Florbela Espanca, a *Biografia* de José Régio, o Pessoa entretanto lançado pela Ática e os dois primeiros volumes do *Diário* de Miguel Torga, comeci a escrever sonetos e outros garatujos à maneira de... São dessa altura alguns dos poemas de *Secura Verde*. Antes deste, houve outros dois projectos, que sensatamente abandonei, mas de que resta aí memória nos meus arquivos. E houve, em seguida, um silêncio de dezassete anos, findo o qual me descobri talvez poeta (digo talvez, por não ter a exacta certeza do que hoje verdadeiramente sou), e não simples amador ou aprendiz de feiticeiro. Quem sou eu como poeta, pergunta-me. Pois respondo-lhe que de mim falam sessenta e quatro anos de embate (e de combate) com as palavras, na busca da palavra essencial. Já o disse algures, mas repito-o aqui agora – aqui e agora. *Hic et nunc*. O resto di-lo-ão, se forem capazes, os meus versos.

*JV* – Um dado curioso na tua trajectória é que, apesar de hoje estar a morar no Norte, já trabalhaste por outras regiões do país. Lembro, por exemplo, que a cadeira ocupada no Liceu de Évora teve como antecessor o escritor Vergílio Ferreira. Chegaste a ter um convívio direto com ele? Penso nisto para te lançar outra pergunta: como é ser poeta hoje em Portugal e estabelecer contacto com outros escritores contemporâneos teus?

*AM* – O Vergílio Ferreira e eu tínhamos a mesma formação, éramos ambos licenciados em Filologia Clássica e professores do mesmo grupo de disciplinas: o Português, o Latim e o Grego. Só nos conhecemos, porém, pessoalmente aquando do colóquio interdisciplinar promovido, em janeiro de 1993, pela Faculdade de Letras do Porto, comemorativo dos seus cinquenta anos de vida literária e setenta e sete de idade. Dele possuía – possuo –, além da quase totalidade dos seus livros, que avidamente li, algumas curtas mensagens de agradecimento pela oferta, que ao longo dos anos lhe fiz, dos meus livros. O facto de ter ocupado, no Liceu de Évora, a vaga de professor efectivo por ele deixada quando, lá por 1965/66, se transferiu para Lisboa, foi para mim ao mesmo tempo um estímulo e uma honra. É que ele é, a meu ver, depois de Raul Brandão, o maior escritor português do século XX. “Como é ser poeta, hoje, em Portugal e manter contacto com outros escritores contemporâneos”? A situação, parece-me, não é diferen-

te da de outras épocas. Pequenas guerras do alecrim e da manjerona, atropelos, quezílias, invejas, malquerenças e malfeitorias, de tudo isso se compõe o quadro da cena literária portuguesa de qualquer época. A nossa não escapa a esse mostruário de “monstruosidades vulgares”. Pela parte que me toca, mantenho-me, não “orgulhosamente só”, mas modestamente afastado das comuns guerrilhas e dos feudos onde se definem as estratégias do poder e da glória. Tenho da cena literária portuguesa o conhecimento bastante para não me imiscuir nas contendas do dia-a-dia onde se testa o peso das influências e se desgastam as energias do espírito. Mas mantenho com alguns amigos, sim, uma sã camaradagem e um diálogo baseados no respeito e admiração recíprocos. Tanto basta para olhar o futuro com alguma descontração e alguma confiança.

*JV* – Muitos dos teus livros mantêm um diálogo interartístico muito forte, sobretudo com a pintura e a música. Já em *Inconcretos Domínios* (1980) tu apresentas uma relação estreita com Julio, Aureliano Lima e Avelino Rocha, dentre outros nomes das artes plásticas portuguesas. Em *A voz do olhar* (1998), tu expandes este diálogo com outros nomes e momentos históricos, da arte pré-histórica até à actualidade. E, mais recentemente, em *À memória de um anjo* (2007) e *Assim a cal, assim o musgo* (2008), tu trazes à cena poemas ao lado de quadros e desenhos de Manuel Malheiro e Jorge Pinheiro, respectivamente. Isto sem falar em outros nomes significativos, tais como Júlio Resende, Cruzeiro Seixas e Armando Alves, dentre outros. Podes dizer como se dá a tua convivência com determinadas obras destes dois campos? Existe alguma espécie de processo selectivo ou algum critério de eleição?

*AM* – Diria que a minha relação com a arte – ou, melhor, com as artes plásticas – é uma relação natural ou, se quiser, congénita. Eu sou, já o disse algumas vezes, alguém para quem as cores e as formas são fonte permanente de estímulo e de prazer. São contagiantes. Eu sou, por outras palavras, um homem que pelos sentidos assimila toda a realidade sensível, que por ela se deixa seduzir. Que dela se apropria e dela faz matéria de escrita. Essa tendência, que nasceu comigo, é acentuada ou favorecida pelo facto de ter passado a infância no campo. A natureza é, foi sempre, para mim, o grande modelo, a grande mestra, a alma *mater*. Repare, por exemplo, na paleta do outono: estão lá, vivas, todas as cores, ele é, à escala da natureza, um verdadeiro arco-íris terrestre. Concretamente, em relação à escolha dos pintores com os quais venho mantendo um diálogo interartístico, não há, pode dizer-se, outro “processo selectivo” ou “critério de selecção” que não seja o da qualidade intrínseca ou, preferivelmente, o da atracção que as respectivas obras exercem sobre a minha sensibilidade. Os pintores/artistas que refere fazem parte da minha galeria privativa. Mas eles não são exclusivos. Às vezes são as circunstâncias do momento – o acaso, se quiser – que estimulam ou promovem o encontro com a obra desses artistas.

*JV* – Além de uma expressão poética extremamente musical, aliás, já percebida por Eduardo Lourenço e Vítor Manuel Aguiar e Silva, nos esclarecedores prefácios que

fazem à tua obra, existe também um diálogo estreito, diria eu, com a música, sobretudo, a do século XIX, com o último Beethoven, Berlioz e Wagner. Penso, neste caso, em *Rodomet Rododendro* (1989), texto que a crítica chama a atenção como sendo um dos pontos culminantes de sua trajetória. Sua relação com determinados compositores dá-se da mesma forma com os pintores? Em que estas composições musicais são importantes para a tua criação?

AM – Ao contrário de João Cabral de Melo Neto, que, numa entrevista de 1980, se declara insensível à música (“sempre fui antimusical”, diz ele), sempre ela, a música, esteve presente na minha poesia. Que “o lado prosódico, muito apegado à tradição melódica”, diz também João Cabral, não lhe agrada em Mallarmé, do qual admira, todavia, “o rigor, o trabalho de organização do verso”. João Cabral é um poeta-engenheiro (ou um engenheiro-poeta?). Eu considero-me um herdeiro de Orfeu e uso por isso a lira como instrumento. Julgo que a musicalidade, alicerçada no ritmo e na sonoridade dos timbres, é um elemento estrutural da poesia, se digna desse nome. Sem ela, isto é, sem musicalidade, penso que não há verdadeira poesia. Se olharmos em redor, vemos que tudo, no universo, se organiza ritmicamente: o curso dos astros, a sucessão das estações do ano, dos dias e das noites, dos meses e dos anos. Há uma ordem, isso a que damos o nome de cosmos, em oposição ao caos, que é por definição a desordem. A minha relação com alguns compositores, em especial com Beethoven, é daí que vem, do entendimento de que o mundo dos sons, a harmonização destes e a sua organização em “poemas” musicais fazem parte dum contexto em que as artes, filhas da criatividade, mas também oriundas da sensibilidade, se articulam, se encontram ou aproximam. Tal relação não difere, portanto, da minha relação com os pintores.

JV – Numa entrevista a Isabel Vaz Ponce de Leão, tu chegas a afirmar que *Rodomet Rododendro* (1989) foi uma obra importante na tua trajetória, tratando-se praticamente de uma espécie de marco divisor. O que este texto especialmente significou em termos de criação poética e em que medida ele realmente demarca uma divisão? Terá sido em termos formais ou apenas temáticos ou em ambos?

AM – *Rodomet Rododendro* é (foi), mesmo para mim, um livro a vários títulos inesperado: pelo seu envolvimento e cadência musical, pelo seu desenvolvimento lírico-narrativo, o seu carácter fragmentário, a sua circularidade. Por tudo isso ou, ao menos, por alguns dos aspectos enunciados, ele representa, de facto, uma ruptura ou, se não, como diz, um “marco divisor” na minha trajetória poética. O que hoje, à distância (o livro é de 1989), mais notoriamente me parece que ele representou/representa no meu percurso como poeta é a expansividade da expressão, em mim geralmente tão cingida, tão próxima da contenção do haiku e do epigrama greco-latino. O ritmo largo e cadenciado do poema (é dum poema em prosa que se trata, não o duvido) impôs-se-me desde o início. O fluxo era inestancável e fui irresistivelmente arrastado, sem comando, pela corrente. A experiência, do domínio do inconsciente, deixou na minha poesia ecos, que se encontram, por exemplo, na secção “Timbres e alegorias”,

de *O mesmo nome*, e em *O espaço partilhado*. E acabei de escrever um livro onde essa mesma experiência é manifesta. Penso, aliás, que, mais do que nunca, são hoje bastante fluidas ou permeáveis as fronteiras entre a prosa e a poesia. Esta não reside, como todos sabemos, na forma, na maior ou menor extensão das linhas, mas no espírito, isto é, no tipo de linguagem de que ela, a poesia, se serve.

*JV* – Num ensaio da década de 1970, o poeta Ruy Belo fala de “influências na poesia”, chamando-as de lugar de confronto, porque o poeta convive e experimenta forças artísticas externas à sua escrita, e de homenagem, porque só é possível receber alguma influência de alguém por quem se nutre uma profunda admiração. Pegando esta linha de reflexão, o Albano Martins poeta também recebeu influências desta ordem? E quais os poetas, pintores e músicos que fazem parte desta família eleita por si?

*AM* – Julgo que há nas palavras de Ruy Belo alguma verdade. Disse alguém – penso que foi José Régio – que só o que verdadeiramente nos pertence nos pode influenciar. Está aí, julgo eu, a resposta à sua primeira pergunta. A resposta à segunda ganharia tal amplitude que não caberia aqui. São muitos, de facto, os poetas, músicos e pintores dos quais, de uma forma ou outra, me considero devedor, isto é, dos quais terei recebido decisiva influência. Nós somos, em rigor, produto do que vemos, do que lemos, do que ouvimos. Parafraseando uma conhecida sentença de Terêncio, nada do que está à nossa volta nos é alheio. Mas, para não defraudar completamente a sua curiosidade, cito-lhe alguns (poucos) nomes. De entre os poetas: além de Homero, Safo, Virgílio e Catulo, clássicos greco-latinos, são meus poetas de cabeceira: Camões, Cesário Verde, Camilo Pessanha, algum do – nem todo o – Pessoa ortónimo e heterónimo, Saul Dias, Sophia de Mello Breyner Andresen, portugueses; Apollinaire e Paul Éluard, franceses; Juan Ramón Jiménez e Vicente Aleixandre, espanhóis; Pablo Neruda, chileno; Bashô, japonês. Mas faltam aí muitos outros poetas, repito, aos quais a minha poesia certamente muito deve. De entre os músicos: além de Beethoven, já referido, cito-lhe Mozart, Chopin, Shubert, Brahms, Mahler (a 1ª, a 2ª e a 5ª sinfonias, sobretudo), Vivaldi, o Dvorak da 9ª sinfonia, dita “O Novo Mundo”, e o português João Domingos Bomtempo, autor dum genial Concerto para Piano e Orquestra. Dos pintores (só falo dos modernos), lembro-lhe alguns dos meus preferidos: Picasso, Miró, Chagal, Matisse, Klimt, além dos portugueses Julio, Cruzeiro Seixas, Luís Demée e Jorge Pinheiro.

*JV* – Atualmente, em Portugal, tu és um dos únicos remanescentes de uma geração muito dinâmica em termos de produção poética. Basta lembrar que, desde a sua primeira publicação, *Secura Verde* (1950), vários grupos e revistas foram aparecendo, tais como *Poesia 61*, *Grifo*, *Cartucho*, *Raiz e Utopia*, *Nova Renascença*, dentre outros. Parece que, hoje, esse fluxo reduziu-se bastante. E, neste caso, o que o poeta pensa da atual poesia portuguesa?

*AM* – É verdade que a poesia portuguesa apresenta hoje evidentes sinais de renovação, entendidos, por uns, como de sinal positivo; por outros, negativo. Pela minha

parte, julgo que ela perdeu o pé. No geral, ultrapassada a influência ou magistério dos movimentos que deram substância, cor e fisionomia ao século XX (o neo-realismo, o surrealismo, o concretismo...), descambou-se para uma prática poética, quer dizer, para uma concepção de poesia que coloca esta ao nível da vulgar prosa urbana, de quotidiano e mecanizado perfil. Desapareceram os grupos e movimentos como os que refere e outros de maior significado e alcance. Fala-se hoje, muito, de poesia do quotidiano, da experiência e outros qualificativos de índice e significado semelhantes. Mas da experiência sempre a poesia o foi. E desde Homero, pelo menos, que ela foi sempre, também, poesia do quotidiano.

*JV* – Portugal e Brasil mantêm laços fortes e contínuos de um intenso diálogo cultural. Neste sentido, tu acreditas no acordo ortográfico e que ele pode ser mais um elo de junção entre as literaturas dos dois países?

*AM* – Não creio que o dito Acordo Ortográfico possa contribuir para uma maior aproximação entre os dois países, entre Portugal e o Brasil. Julgo que os caminhos para uma maior aproximação entre ambos são de outra ordem: o do reconhecimento, vivificação e, desde logo, fortalecimento dos laços histórico-culturais e um conhecimento mais aprofundado das realizações, a todos os níveis, de ambos os povos. Neste sentido, seria desejável que os governos, ao mais alto grau, tomassem as medidas, legislativas e outras, tidas como adequadas ao estreitamento e reforço dos referidos laços, bem como ao favorecimento dos intercâmbios, não apenas os de ordem económica, mas, sobretudo, os de ordem cultural. Voltando atrás: o Acordo Ortográfico é uma questão mais ou menos académica, nascida e criada nos gabinetes, e não ultrapassa, por isso, a bem dizer, a esfera do senado universitário. Se consultados um a um, portugueses e brasileiros mostrar-se-ão alheios ao que consideram uma bagatela. As razões de ordem económica (que assim se sobrepõem às de ordem histórica e linguística) invocadas pelos defensores do acordo não convencem, estou certo, os próprios defensores. Trata-se, obviamente, de uma falácia. Os italianos, os franceses e os espanhóis não precisaram desse argumento para manter intactas as respectivas grafias.

*JV* – Como poeta, tu já recebeste críticas de nomes consagrados do ensaísmo português. Apenas para elucidar o público, Álvaro Manuel Machado, Bernardette Capelo-Pereira (ex-Herdeiro), Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Luís Adriano Carlos e Vítor Manuel de Aguiar e Silva, entre os portugueses, e Álvaro Cardoso Gomes, Gumercinda Gonda, Leodegário de Azevedo Filho, Maria Lúcia Lepecki e Massaud Moisés, entre os brasileiros. São nomes bem significativos e que mostram a importância da tua obra. Qual a tua relação com a crítica, de uma maneira geral? Ela se mantém com a crítica atual?

*AM* – Embora para alguns representantes e defensores das novas tendências a minha poesia se mostre *démodée* (colam-me alguns na lapela o rótulo de “clássico”, outros, mais perspicazes, dizem que eu sou “um poeta bastante assim-assim”, o que me

atira para fora da carruagem onde se acomodam – se acotovelam – os modernos, os pós-modernos, os futuristas e outros órficos representantes), tenho a meu favor a opinião de alguns dos maiores representantes da crítica portuguesa e brasileira (esses que cita e outros) e, até, da Itália e da Espanha, que à minha poesia têm dedicado uma atenção desvanecedora que ultrapassa a mera circunstância. Que mais posso desejar? Sei que nenhuma obra gera unanimidade de opiniões, que não há consensos absolutos. Esse é talvez um sinal da sua riqueza – a riqueza dela, a obra. Não digo que o seja da minha, mas satisfaz-me saber que tenho leitores da envergadura dum Eduardo Lourenço, dum Eduardo Prado Coelho, dum Vítor Aguiar e Silva, dum Maria Lúcia Lepecki, dum Massaud Moisés, aos quais a minha poesia toca, aos quais ela estimula e incita.

*JV* – Num ensaio de 1999, Eduardo Prado Coelho chama a atenção para o teu trabalho multifacetado. Para além de poeta e profundo conhecedor da cultura clássica, a tua atenção como tradutor precisa ser reconhecida como uma das tuas grandes contribuições ao público leitor de língua portuguesa. Em que medida o teu trabalho como poeta faculta a atividade de tradutor? O mesmo ocorre no inverso, ou seja, o trabalho de tradutor influencia no teu ofício de poeta?

*AM* – Sim, penso que o meu trabalho de tradutor de poetas é (tem sido) favorecido pela circunstância de eu ser também poeta. Ao tradutor de poesia não basta, julgo eu, estar apetrechado dos instrumentos recomendados/aconselhados pelos “manuais da especialidade”, isto é, não basta dominar as “técnicas” de tradução em uso, de modelo universitário ou outro. Pelas suas especiais características (o tipo de linguagem, a prosódia, a gramática da língua), a tradução de poesia exige também especiais aptidões. Se o meu trabalho de tradutor influencia o meu trabalho como poeta? É natural que haja, sim, ao nível do inconsciente, quanto mais não seja, qualquer influxo, que eu diria residual, mas que pode a seu tempo manifestar-se de formas diferenciadas. Repito o que disse atrás: nós somos também produto das nossas leituras. Ou, neste caso, com dobrada razão, dos poetas que traduzimos. A tradução é uma forma de assimilação.

*JV* – Vale lembrar que, em 1999, tu recebeste o “Grande Prémio de Tradução APT/Pen Clube Português; em 2004, foste condecorado, pelo governo do Chile, com a “Ordem de Mérito Docente e Cultural Gabriela Mistral”, no grau mais elevado, o de “Grande Oficial”, pelas traduções das obras de Pablo Neruda; e, recentemente, em 2011, recebeste o “Grande Prémio de Tradução da APT/SPA, pela *Antologia da Poesia Grega Clássica* (Afrontamento). Consideras que estas premiações já são um passo significativo para o reconhecimento do teu trabalho e também da visibilidade da língua portuguesa como forma de movimentação e circulação de outros saberes?

*AM* – Não atribuo grande significado a esses prémios e honrarias. Eles têm um sentido restrito e meramente simbólico: não conferem nem acrescentam, por si sós, qualquer valor e durabilidade à obra e ao autor distinguidos. Se tais “premiações” contribuem para a visibilidade da língua portuguesa, depende muito do nome do patrono

e da sua nacionalidade, mas também do valor pecuniário das ditas “premiações”. O Nobel e o Camões têm uma visibilidade (e, pelo seu valor pecuniário, uma relevância) de que não beneficia a generalidade dos restantes prémios instituídos. Em resumo: os prémios (a que acrescentarei as homenagens) testemunham tão-somente o reconhecimento por parte de instituições ou cidadãos afectos às letras e à cultura do que julgam ser o mérito duma obra. Não mais do que isso, em boa verdade, julgo eu.

*JV* – Além da poesia e da tradução, tu também já dedicaste alguns dos teus títulos ao ensaio. E te pergunto: aquela mesma influência, como a definiu Ruy Belo, toma parte na tua escolha dos objetos analisados? Em que medida o fato de ser um leitor de poetas faculta a tua atividade criadora? Pergunto isto num gesto mesmo de provocação, em relação ao teu *O Porto de Raul Brandão* (2000), ensaio riquíssimo em que dialogas com o autor de *Húmus* (1917) e com outro discurso artístico, a fotografia. Sabe-se, e muitos escritores já confessaram isto abertamente, de José Gomes Ferreira a José Saramago, que Raul Brandão foi um marco para a ficção portuguesa moderna. O mesmo pode se dizer em relação ao Albano Martins poeta e ensaísta?

*AM* – Duas questões essenciais – prévias, diria: primeiro, não me considero um verdadeiro ensaísta. Faltam-me, para o ser, as ferramentas que julgo necessárias (corrijo: imprescindíveis) para discernir numa obra as linhas mestras da sua articulação e os ornamentos estilísticos e estruturais que a tornam um objecto artístico marcante. Sou um leitor de poetas ou, se quiser, um amador de poesia, não mais do que isso. Segundo: o meu diálogo com Raul Brandão é muito antigo. O livro que refere é modesta homenagem minha a um autor central da literatura portuguesa do século XX. Repetindo o que algumas vezes tenho dito, ele é o maior poeta da prosa portuguesa. Em relação a ele, o Albano Martins é um principiante, não passa de um aprendiz.

*JV* – Também na literatura infantil, tu já dedicaste títulos, como *Uma casa à beira da floresta* (2008), *O balão* (2013) e *A estrela Coralina* (2013). Em que difere a tua escrita em obras deste género?

*AM* – Os meus livros dedicados aos jovens ou, diria melhor, às crianças (quatro, neste momento, um deles em fase de produção editorial) são uma das outras faces do poeta que sou. Considero-os, na verdade, verdadeiros poemas em prosa, isto é, um prolongamento da minha escrita poética. Eles podem, por isso, agradar aos adultos tanto como aos jovens. A escrita desses livrinhos não foi programada: ela impôs-se-me de súbito, inopinadamente (como aconteceu, por exemplo, há anos, com *Rodomet Rododendro*).

*JV* – Poucos conhecem, bem verdade, mas tu também já adaptaste duas obras significativas da ficção portuguesa para leitores miúdos. *A queda dum anjo*, de Camilo Castelo Branco, e *As pupilas do senhor reitor*, de Júlio Diniz, ambas de 2008. Esses dois trabalhos estão mais próximos do teu ofício como poeta ou como tradutor? Afinal, não



deixa de se constituir também uma espécie de trabalho de tradução, este de colocar numa linguagem mais concisa dois textos de fôlego da literatura oitocentista, e também de labor poético, já que ambas aparecem reescritas com um profundo lastro poético, não?

AM – A adaptação das obras que refere corresponde a um desafio que me foi lançado, há anos, por um dos meus antigos editores: o das Quasi, de Vila Nova de Famalicão. Foi um exercício rodeado de alguma complexidade – de alguma dificuldade, quero dizer. O resultado beneficiou talvez da circunstância de eu ser reconhecidamente um poeta de sínteses, de condensações expressivas. Respondendo à pergunta por si formulada: o resultado obtido está, a meu ver, mais próximo do trabalho do tradutor que do do poeta. Trata-se, na verdade, de passar para a minha linguagem a linguagem de Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis. Se o poeta que sou está ali também presente, é para mim motivo de satisfação que tal seja reconhecido por alguém que, pela sua formação e actividade profissional – a de professor – está habituado ao diálogo com a poesia e ao comércio com os poetas.

JV – Tu és um poeta do Norte de Portugal, nascido numa aldeia do concelho do Fundão, região da Beira Baixa, morador da cidade de Vila Nova de Gaia. A tua poética parece estar cindida a um profundo sentimento de apego e afeto aos seus espaços de trânsito, como acontece, por exemplo, em *A voz do chorinho ou os apelos da memória* e *Poemas do retorno*, ambos de 1987. Mas também há uma junção da tua voz lírica com os espaços de origem e pertença, sobretudo quando te referes aos da infância (como acontece naquele belíssimo texto “Infância”, na coletânea *A minha palavra favorita*, de 2007) e aos de teu recolhimento atual, a cidade do Porto e suas adjacências (tal como ocorre na viagem iniciática da Ribeira à Foz, em *Rodomet Rododendro*, de 1989). Num dos poemas de *O mesmo nome* (1996), o poeta afirma: “Pertencço a esta / geografia, ao lume branco / da resina, ao gume / do arado”. Pode-se dizer que a cidade do Porto e as cenas do Norte são a tua geografia, a tua paisagem inicial e iniciática onde repousas o teu arado e a tua escrita? Conseguirias te ver longe dela ou, melhor, produzindo o que produziu fora dela?

AM – Se eu fosse míope, não seria certamente o poeta que sou. Já o disse num texto antigo: devo tudo (na verdade, quase tudo) aos lugares onde passei a infância. De lá vêm as cores, as flores, os perfumes, as árvores e os pássaros que povoam a minha poesia. É à minha visualidade nata que se ficam devendo livros como *A Voz do Chorinho ou os Apelos da Memória* e *Poemas do retorno*, todo o quarto andamento de *Rodomet Rododendro* e outro textos que refere, especialmente “Infância”, que encerra a bem dizer *As Escarpas do Dia*, de 2010. Essa, a da província da Beira Baixa, é a “geografia” de que fala o meu poema ou, mais concretamente, a geografia dos campos da Quinta da Rascoa, onde passei a infância. O Porto, onde vivo (onde estou radicado) desde 1969, é isso mesmo: o porto de chegada após quarenta e nove anos de deambulação pelo país, com a casa às costas e a companhia da minha mulher, também professora, como eu, e

uma filha em processo escolar. Da rejeição inicial (o Porto é uma cidade de neblinas, de névoas pesadas), passei, com o tempo, a amar esta cidade, com fundamentos que vão da sua fisionomia particular, acastelada, incrustada na rocha – as suas casas, as suas ruas, as suas pontes, as suas varandas, as suas torres, os seus monumentos, as suas clarabóias, a sua história – à sua localização: escarpada, vê o rio Douro passar-lhe ao lado, a caminho da foz, lá ao fundo, entre vapores e neblinas, ao encontro da Barra e dos barcos da Cantareira onde estão vivas e presentes as memórias de Raul Brandão. Mas volto sempre à Beira. É lá que estão as minhas raízes, como estão ainda as daquela árvore – o “velho carvalho” de que fala um antigo poema meu – que morreu, aqui há uns quatro ou cinco anos, guilhotinada por algum raio. É lá que tudo começa. É lá que tudo também termina, afinal. Tudo o que escrevi, repito, é a ela, a Beira – a Rascoa – que o devo.

*JV* – Desde o teu primeiro livro, *Secura Verde* (1950), já são quase 65 anos de produção intensa na poesia, no ensaio, na tradução, na adaptação e na literatura infanto-juvenil. O que motiva o escritor Albano Martins a continuar, tomando as palavras de Ruy Belo, na senda da poesia?

*AM* – Continuar, ao fim de “65 anos de produção intensa”, “na senda da poesia” é o mesmo que dizer: estou vivo. Ou, repetindo um dos títulos do meu saudoso amigo e grande poeta António Ramos Rosa: “Estou vivo e escrevo sol”. Tanto basta para acordar todas as manhãs saudando o astro-rei pelos benefícios que diariamente nos concede. A mim, particularmente, que sou filho dos horizontes claros e da luz sem manchas.